

COLUNA

MACUMBEMBÊ, SAMBOREMBÁ: VIVA HEITOR DOS PRAZERES PINTADO E EMOLDURADO PELA VILA ISABEL NA SAPUCAÍ

*Leandro Rodrigues Nascimento da Silva*¹

*Eliezer Gonçalves Cordeiro*²

Se o Rio tivesse certidão de nascimento assinada por artistas, Heitor dos Prazeres seria um dos nomes grafados em letra cursiva, dessas que sambam no papel. E a Vila Isabel, sábia como quem conhece o próprio quintal, decidiu para 2026 fazer o óbvio que nem sempre é simples: homenagear quem ajudou a inventar o Rio enquanto cultura, não só enquanto cartão-postal. Porque Heitor não foi só sambista. Nem só pintor. Nem só cronista da vida preta. Ele foi aquele tipo raro de artista que não separa a arte da rua, nem a rua do corpo. Heitor pintava como quem compõe samba e compunha samba como quem observa gente. Tudo junto, tudo misturado, sem pedir autorização à academia, ao museu ou à elite que sempre chegou atrasada à festa. A Vila vai levar pra Sapucaí um artista que nasceu no Centro do Rio, circulou pela Praça Onze, respirou o Estácio, ouviu o morro, dançou com a Pequena África e transformou tudo isso em cor, ritmo e memória. Heitor é desses que entendiam

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Professor Substituto da UERJ; Mestrando em Educação pela UFRRJ.

www.africaeaficanidades.com.br

o Rio antes do Rio virar marca registrada. Quando a cidade ainda cheirava a suor, feijão, batuque e sobrevivência.

E aqui é bom avisar: não espere um desfile “folclórico”. Heitor não cabe nessa gaveta. Ele dialoga com a cultura afro-brasileira não como quem faz homenagem distante, mas como quem está dentro dela. Seu traço carrega o movimento do samba, suas telas têm síncope, suas figuras parecem prestes a sair dançando da moldura. Heitor pinta o corpo preto em festa, em trabalho, em roda, em comunidade — algo que sempre deu alergia a uma certa tradição artística brasileira viciada em pintar preto como paisagem e não como sujeito. E a África? Ah, a África aqui não vem como cenário exótico de documentário narrado em voz grave. Ela aparece como matriz viva, como memória que atravessa o Atlântico e reaparece no gesto, no ritmo, no modo de ocupar a cidade. A África de Heitor não é distante nem congelada no passado: ela samba na Praça Onze, bate palma no Estácio e toma forma no cotidiano carioca.

A Vila Isabel, escola que já entendeu faz tempo que carnaval também é aula pública — dessas que o povo assiste cantando —, acerta em cheio ao escolher Heitor. Porque falar dele é falar de cultura negra sem romantização boba, mas também sem lamento paralisante. É afirmar que o samba, a pintura, a festa e a cidade são construções negras — ainda que muita gente finja surpresa toda vez que isso é dito. E tem algo de deliciosamente irônico nisso tudo: durante décadas, Heitor foi mais celebrado lá fora do que aqui. Museu adora depois que o artista morre. O carnaval, não: o carnaval chama o artista pra dançar agora; fez isso com Elza Soares, fez isso com Jorge Lafond... A Sapucaí vira museu em movimento, desses onde ninguém cochicha e a obra responde com bateria. No desfile, prepare-se para ver o Rio em cores quentes, corpos em deslocamento, cenas de trabalho e alegria, de festa e resistência. Heitor não pinta a miséria como espetáculo; ele pinta a dignidade que insiste. E isso, convenhamos, é um baita recado pra um país que ainda se espanta com a centralidade da cultura negra naquilo que chama de “identidade nacional”. A Vila Isabel promete um desfile que não pede licença: afirma. Afirma que sem Heitor dos Prazeres não há samba como conhecemos. Não há Rio como imaginamos.

Não há carnaval como sentimos. E se alguém perguntar “mas quem foi Heitor?”, a avenida vai responder do melhor jeito possível: cantando, dançando e colorindo a memória.

Tem também o Heitor curioso, desses que a biografia adora esconder no rodapé. Pouca gente lembra que ele foi um dos primeiros a registrar o samba em partitura, num tempo em que o gênero era mais ouvido do que levado a sério. Heitor escrevia música como quem fixa memória antes que ela seja apagada. Era compositor, sim, mas também arquivista afetivo de um Rio que insistia em existir apesar das reformas urbanas que varriam gente preta pra debaixo do tapete — ou pra longe do Centro. Outra pérola: Heitor pintava sem ter frequentado escola formal de artes, o que sempre deixou certos críticos com coceira acadêmica. Aprendeu olhando, vivendo, errando e insistindo. Seus quadros ganharam o mundo antes de ganhar unanimidade por aqui, porque o exterior entendeu mais rápido que ali havia uma estética própria, popular e sofisticada ao mesmo tempo.

Heitor nunca quis “parecer europeu”; preferiu parecer carioca — e isso, no Brasil, ainda é subversão. E já que estamos falando de quem homenageia, vale lembrar que a Vila Isabel também tem DNA de invenção. Foi a primeira escola a assumir, lá atrás, um samba mais lírico, menos épico, apostando na poesia como marca. Não à toa, sempre teve relação íntima com intelectuais, compositores e artistas que pensam o Brasil enquanto cantam. Homenagear Heitor é, de certo modo, a Vila conversando consigo mesma no espelho. A Vila é a Academia mais propícia a receber o grande intelectual Heitor! Curiosidade final — e deliciosa: a Vila nasceu num bairro marcado pela presença negra, mas também pela ideia de modernidade urbana, misturando tradição e vanguarda. Heitor viveu exatamente essa tensão: entre o passado africano que pulsa e o futuro que se constrói no asfalto. Quando a Vila coloca esse artista na avenida, não está apenas celebrando uma trajetória individual, mas dizendo, com todas as letras (e surdos): o samba pensa, a arte negra elabora e o carnaval sabe muito bem o que está fazendo. Depois desta deliciosa conversa, vamos ao samba-enredo da escola?

Ora yê yê ô, Oxum

Kabecilê Xangô

Meus sonhos e tambores, tintas e Prazeres

Pra você, Heitor

Ora yê yê ô, Mamãe Oxum

Kabecilê, meu pai Xangô

Meus sonhos e tambores, tintas e Prazeres

Pra você, Heitor

De todos os tons, a Vila, negra é

De todos os sons, a negra Vila é

*De China e Ferreira, Mocambo Macacos e Pau da
Bandeira*

Da nossa favela branca e azul do céu

No branco da tela o azul do pincel

Vem ser aquarela, pintar a Unidos de Vila Isabel

Ora yê yê ô, Oxum

Kabecilê Xangô

Meus sonhos e tambores, tintas e Prazeres

Pra você, Heitor

Ora yê yê ô, Mamãe Oxum

Kabecilê, meu pai Xangô

Meus sonhos e tambores, tintas e Prazeres

Pra você, Heitor

Sonhei Macumbembê, sonho Samborembá

Macumba é samba e o samba é macumba

Pode até fazer quizumba, só não pode é separar

Sonho samborembá, macumbembê

Vem da Mãe-Terra, firmou ponto na Bahia

E na África Pequena germinou pra florescer

Ê quilombo é a Pedra do Sal

Arraigou em terreiro e quintal

www.africaeaficanidades.com.br

*No chão batido assentou o fundamento
Foi o Lino de madrinha
De Padrinho, espelhamento
Flutuou na capoeira ao perfume de Ciata
Negro Príncipe de Ouro
O anjo de asas de prata
Um Ogã-Alabê, macumbeiro
À fumaça do cachimbo, Preto Velho soprou
Encanto da gira e da roda de bamba
Poesia da curimba, batuqueiro e cantador
Foi do Lundu e do Cateterê
Alinhou no linho santo, cavaquinho na mão
Apaixonado Pierrot, afro rei
A flecha certa de Oxóssi na canção
Reluz nas escolas, em Noel e Cartola
Ganhou o mundo com o mundo de Paulo Brazão
De todos os tons, a Vila, negra é
De todos os sons, a negra Vila é
De China e Ferreira, Mocambo Macacos e Pau da
Bandeira
Da nossa favela branca e azul do céu
No branco da tela o azul do pincel
Vem ser aquarela, pintar a Unidos de Vila Isabel
Ora yê yê ô, Oxum
Kabecilê Xangô
Meus sonhos e tambores, tintas e Prazeres
Pra você, Heitor
Ora yê yê ô, Mamãe Oxum
Kabecilê, meu pai Xangô
Meus sonhos e tambores, tintas e Prazeres
Pra você, Heitor*

www.africaeaficanidades.com.br



Revista África e Africanidades / Ano XVII / n. 55 – fev. 2026 / abr. 2026 / ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com.br

(Vila Isabel, 2026)

www.africaeaficanidades.com.br

